

Recebido em fev. 2010

Aprovado em jun. 2010

**UMA ANÁLISE DO “MÉTODO” EMPREGADO NA
ÉTICA DE BENEDICTUS DE SPINOZA**

EMANUEL ANGELO DA ROCHA FRAGOSO *

RESUMO

A distinção cartesiana entre a ordem e a maneira de demonstrar concernentes ao modo de escrever dos Geômetras, citada nas Respostas às Segundas objeções, e a distinção na maneira de escrever em duas formas: por análise ou resolução, e a outra por síntese ou composição. O *More Geometrico Demonstrata* dos editores das *Opera Posthuma* (1677) de Benedictus de Spinoza encontrado no sumário colocado ao fim do Prefácio e o *Ordine Geometrico Demonstrata* encontrado no subtítulo da *Ética*, nos induz à hipótese de que Spinoza fazia distinção entre a demonstração pelo “Método Geométrico” (*More Geometrico Demonstrata*) e pela “Ordem geométrica” (*Ordine Geometrico Demonstrata*).

PALAVRAS-CHAVE

Ética. Meditações. Ordem. Método.

* Professor do CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - UECE e Coordenador do GT BENEDICTUS DE SPINOZA.

RÉSUMÉ

La distinction cartésienne entre l'ordre et la manière de démontrer concernent à la manière d'écrire des Géomètres, citée dans les *Réponses à Secondes objections*, et à la distinction dans la manière d'écrire dans deux formes: par analyse ou résolution, et à autre par synthèse ou composition. Le *More Geometrico Demonstrata* des éditeurs de l'*Opera Posthuma* (1677) de Benedictus de Spinoza trouvé dans le résumé placé à la fin de la *Préface* et l'*Ordine Geométrique Demonstrata* trouvé dans le sous-titre de l'*Ethique*, dans les induit à l'hypothèse dont Spinoza faisait distinction entre la démonstration par la “Méthode Géométrique” (*More Geometrico Demonstrata*) et par la “Ordre Géométrique” (*Ordine Geometrico Demonstrata*).

MOTS-CLÉ

Ethique. Méditations. Ordre. Méthode.

INTRODUÇÃO

Em dezembro de 1677 foram publicadas as *B. d. S. Opera Posthuma* (OP), apenas com as iniciais do autor, sem menção do editor e nem do local da edição. Nestas encontramos duas referências distintas acerca do método empregado por Benedictus de Spinoza em sua obra maior, a *Ética*: a primeira, no Sumário das OP (*Hoc Opere continentur*) ao fim do Prefácio, no qual o título *Ética* vem acompanhado do subtítulo “*More Geometrico demonstrata*” (OP, 1677). A segunda, no subtítulo da obra propriamente dita, “*Ordine Geometrico demonstrata*” (OP, 1677 e G-II, p. 43). As edições críticas com suas reedições e as traduções posteriores da *Ética* foram feitas segundo uma ou outra destas referências. Assim, por exemplo, a edição de J. Van Vloten e J. P. N. Land, de 1881-3, com reedições em 1895 e 1914, juntamente com a edição crítica de Karl Gebhardt, de 1925, com reedição em 1972, seguem o subtítulo da *Ética*, *Ordine Geometrico demonstrata*. Dentre as traduções, a primeira tradução para o francês das obras de Spinoza, de Émile Saisset, de 1842, reeditada em 1861, (*Exposée suivant L’Ordre des Géomètres*), a tradução de C. Apphun (*Démontrée suivant L’Ordre Géométrique*), editada em 1907-9, com reedições em 1928-9, 1934 e 1964-6, utilizam igualmente o subtítulo da *Ética*. Ressalte-se aqui que Saisset utiliza o termo *Exposée* no subtítulo. Já as traduções de Roland Caillois, edição da *Pléiade* de 1954, reeditada em 1978, a de M. Guérinot editada em 1930 e a de Boulainvilliers, editada em 1907 (*Démontrée*

selon la Méthode Géométrique), utilizam como referência o subtítulo do Sumário das *OP* (*More Geometrico demonstrata*).

Podemos observar que as edições críticas consideram o subtítulo *Ordine Geometrico demonstrata* o mais apropriado ao método utilizado por Spinoza. Já os tradutores, por optarem indistintamente por um subtítulo ou outro, induzem-nos a considerá-los como sinônimos; ou seja, o processo demonstrativo empregado por Spinoza na *Ética* pode ser designado como *More Geometrico* ou *Ordine Geometrico*. Entretanto, podemos considerar a hipótese de Spinoza fazer distinção entre o *More Geometrico* e o *Ordine Geometrico*, pois é de sua autoria a designação do método utilizado como *Ordine Geometrico*, enquanto a designação do método como *More Geometrico*, é de autoria dos editores das *OP*; isto é, dos amigos de Spinoza que as prepararam para edição, os quais, seguramente, foram os autores tanto do Prefácio, quanto das outras partes das *OP*, dentre estas o citado Sumário com a *Ética* e seu subtítulo (*More Geometrico demonstrata*). No que concerne ao Prefácio das *OP* em particular, Luis Machado de Abreu, a despeito da polêmica acerca da autoria da redação deste, atribui sua redação a Jarig Jelles, em holandês, e a tradução para o latim a Louis Meyer (1985, p. 295-296).

Para demonstrar a hipótese de Spinoza fazer distinção entre as designações dos procedimentos demonstrativos, devemos recorrer a outras referências ao método utilizado por Spinoza. Em particular, às duas únicas obras que foram publicadas em vida de Spinoza

e que foram revisadas pelo autor: os *Princípios de Filosofia de Descartes (PPC)* em 1663 e o *Tratado Teológico Político (TTP)* em 1670, reeditado em 1673 e em 1674. No que concerne a este último, apesar de ter sido revisado por Spinoza, como podemos comprovar pelas chamadas “notas marginais”, em número de 39, das quais a maioria pode ser considerada autêntica (Domínguez, p. 35, nota 56), pouco acrescenta no que diz respeito ao método. Quanto aos *PPC*, ou mais precisamente, ao seu Prefácio, temos o relato da Epístola XV, na qual Spinoza comunica ao seu autor, Louis Meyer, o envio do Prefácio com correções a serem feitas no texto final, anotadas à margem, bem como outras três correções que achou “mais oportuno” enviar-lhe nesta Epístola (G-IV, p. 72-73). Por meio de uma comparação entre a Epístola XV e o Prefácio dos *PPC*, poderemos constatar que as correções de Spinoza foram aceitas e efetuadas por Meyer. Para demonstrar este ponto, efetuaremos a comparação citando as três correções propostas por Spinoza na Epístola XV, seguidas da aceitação destas por Meyer, expressas na redação impressa do Prefácio.

Na primeira correção citada na Epístola XV, Spinoza solicita ao autor do Prefácio informar que o tempo por ele empregado na redação da primeira parte dos *PPC* foi de duas semanas, com a intenção de justificar previamente qualquer possível obscuridade no texto; ou no dizer do próprio Spinoza: “não ficarão desconcertados por encontrar-se aqui ou ali com alguma palavra que lhes resulte obscura.” (G-IV, p. 72). De fato, encontramos no sétimo parágrafo do

Prefácio esta observação (G-I, p. 131). Na segunda correção, Spinoza sugere a Meyer mencionar que o fato de ter demonstrado muitas coisas de modo [*modo*] distinto àquele empregado por Descartes em suas demonstrações, não deveu-se a uma intenção de corrigir Descartes, mas sim para manter melhor sua própria ordem [*ordinem*]. Com efeito, esta sugestão é acatada literalmente por Meyer no oitavo parágrafo do Prefácio (G-I, p. 131). Na terceira correção, Spinoza solicita a Meyer para “omitir e apagar totalmente” o que este tinha escrito ao final do Prefácio “contra este pobre homem [*homunculum*]” (G-IV, p. 72-73). Efetivamente, esta correção também foi efetuada por Meyer, pois não se encontra no texto impresso nenhuma referência negativa a ninguém em particular.

Considerando que o Prefácio dos *PPC* foi lido e corrigido por Spinoza, torna-se relevante procedermos à análise dos parágrafos iniciais do referido Prefácio, para obtermos a perspectiva de Spinoza através do escrito de Meyer, acerca da definição do método matemático em geral, do método matemático empregado por Descartes e do método geométrico nos moldes dos *Elementos* de Euclides, empregado pelo próprio Spinoza, bem como de uma comparação entre os dois últimos.

A idéia principal do primeiro parágrafo do Prefácio é justamente a relevância do método matemático, em comparação com o método utilizado pelos peripatéticos para a procura e o ensino da verdade num grau mais elevado do que o habitual: “o método [*Methodum*] empregado pelos matemáticos na

investigação e transmissão das ciências, isto é, aqueles em que as conclusões se demonstram a partir de definições, postulados e axiomas é o melhor e mais seguro para indagar e ensinar a verdade” (G-I, p. 127). Já o método empregado pelos aristotélicos é definido por Meyer como aquele em que tudo se resolve “mediante definições e divisões, continuamente encadeadas umas com as outras e mescladas em qualquer parte, com perguntas e explicações” (G-I, p. 127-128). Uma vez definidos os métodos, podemos indagar acerca da distinção entre eles: o que os faz distintos? O que possui o método matemático, que por sua vez está ausente no outro método, que dota o primeiro de uma certeza apodíctica, ou seja, demonstrável ou evidente, e, portanto, necessária? A resposta que nos parece mais satisfatória é a utilização na procura e no ensino da verdade, de elementos comumente utilizados na pesquisa e no ensino da matemática, dispostos numa ordem rigorosa. Elementos estes que, segundo a definição de Meyer, inexistem no método utilizado pelos aristotélicos; ou seja, as definições, os postulados e os axiomas, que dispostos em ordem, irão condicionar as conclusões, tornando-as evidentes ou demonstrando-as. Onde, as conclusões, tornadas evidentes ou demonstradas, estarão agora dotadas de uma validade necessária; validade esta, apenas provável no método utilizado pelos aristotélicos. Além disto, neste último a ordem rigorosa dos elementos que o constituem, está ausente; ou, na melhor das hipóteses, não abrange a totalidade dos elementos constitutivos. No dizer do autor,

referindo-se aos que utilizam o método dos peripatéticos: “nada do que propõem, o demonstram com razões apodícticas, mas sim tão somente se esforçam por avaliá-las com verossimilitudes e argumentos prováveis.” (*Id.*).

No entanto, apesar da relevância do método matemático para as ciências e a verdade, Meyer ressalta no segundo parágrafo que quase nenhuma disciplina, excetuando as matemáticas, o utiliza. Em Filosofia é comum utilizarem o método dos aristotélicos, ainda que não unanimemente, pois Meyer reconhece no terceiro parágrafo, que “não tem faltado alguns que pensaram de forma distinta, e compadecidos desta sorte miserável da Filosofia, se afastaram dessa via comum, seguida por todos, de expressar as ciências, e empreenderam outra nova” (G-I, p. 128). Nesta nova via, “muito árdua e semeada de dificuldades” (*Id.*), na qual se pode “demonstrar com método [*Methodo*] e certeza [*certitudine*] matemáticas” (*Id.*), alguns redigiram “segundo esta ordem [*ordinem*] a Filosofia já admitida e ensinada habitualmente nas escolas e a apresentaram ao mundo culto; outros redigiram assim e apresentaram uma Filosofia nova, inventada por seu próprio engenho.” (*Id.*). Como podemos notar, o termo “ordem” na última citação engloba o termo “método” e “certeza”; ou seja, a ordem matemática é a “demonstração com método e certeza matemática”.

E, conclui Meyer: “ainda que esta tarefa tenha sido empreendida por muitos e durante muito tempo sem êxito, surgiu finalmente aquele astro, o mais brilhante de nosso século, René Descartes, o qual,

depois de tirar, com seu novo método [*nova Methodo*] das trevas e trazer à luz tudo o quanto havia estado inacessível aos antigos nas matemáticas e não podia ser descoberto pelos contemporâneos, erigiu os fundamentos irremovíveis da Filosofia que permitiam assentar, com ordem [*ordine*] e certeza [*certitudine*] matemáticas, a maioria das verdades”. (G-I, p. 128)

No quarto parágrafo, Meyer afirma que esse novo método utilizado por Descartes em sua Filosofia, é diferente do método comum aos Geômetras, ainda que seja matemático. No dizer de Meyer: “Ainda que os escritos filosóficos deste nobilíssimo e incomparável varão contenham as razões e a ordem demonstrativas das matemáticas [*Mathematicam demonstrandi rationem, ac ordinem contineanti*], não estão elaborados segundo sua forma comum, conforme os *Elementos* de Euclides, segundo o uso dos Geômetras” (G-I, p. 128-129). Como justificativa de sua afirmativa, Meyer escreve que no método utilizado pelos Geômetras “as proposições e suas demonstrações se subordinam às definições, postulados e axiomas previamente expostos” (*Id.*); enquanto que Descartes utiliza “um procedimento muito distinto deste, que ele chama de *analítico* e que considera a verdadeira e a melhor via [*viam*] para ensinar.” (*Id.*). Esta justificativa por sua vez, está fundamentada nas *Segundas Respostas* (*Secondes Reponses*), que Meyer cita ao fim deste parágrafo, na qual Descartes “reconhece duas formas de demonstração apodíctica: uma, a análise, que mostra o verdadeiro caminho pelo qual a coisa foi descoberta metodicamente e como que *a priori*; outro,

a síntese, que se serve de uma longa série de definições, postulados, axiomas, teoremas e problemas, suscetíveis de, se não se negam certas conseqüências que estão contidas em seus antecedentes, forçar o leitor, por oposto e obstinado que seja, a dar seu assentimento.” (G-I, p. 129)

Pelas considerações anteriores, notamos que Meyer distingue inicialmente entre o método dos escolásticos e o método matemático, para logo em seguida, fazer a distinção entre o método matemático utilizado por Descartes e por Spinoza. Meyer deixa claro esta última distinção no quinto parágrafo, ao afirmar que as duas formas de demonstração, a ordem analítica e a ordem sintética, são apodícticas e a certeza ocorre em ambas (G-I, p. 129). Esta afirmativa apóia-se no texto cartesiano das *Segundas Respostas* (*Secondes Reponses*), no qual Descartes distingue na maneira de escrever dos Geômetras “duas coisas, a saber, a ordem e a maneira de demonstrar”, podendo ser esta última de duas formas: “uma se faz por *análise* ou resolução, e a outra por *síntese* ou composição” (AT-IX-1, p. 121). Donde, podemos concluir que o elemento comum e intrínseco ao método matemático de Descartes e de Spinoza é a ordem. Entretanto, assim como a maneira de demonstrar é dupla, a ordem também o é; ou seja, trata-se de dois tipos diferentes de ordem: enquanto a ordem cartesiana, disposta de forma analítica, implica tão somente em que “as coisas propostas primeiro devem ser conhecidas sem a ajuda das seguintes e que as seguintes devem ser dispostas de tal forma que sejam demonstradas só pelas coisas que as precedem” (AT-

IX-1, *Secondes Reponses*, p. 121), a ordem spinozista, à maneira de Euclides, ou disposta de forma sintética (conforme descrita acima), necessita que elementos determinados (definições e axiomas, por exemplo) antecedam as proposições.

Portanto, a ordem Geométrica nos moldes de Euclides, está ausente dos textos cartesianos. Este é o motivo pelo qual Meyer pode afirmar que Descartes utiliza o método matemático, mas não o Geométrico euclidiano. Para Meyer (e por extensão, para Spinoza), Descartes, ao demonstrar e expor ou redigir em ordem analítica está utilizando o método e a ordem demonstrativa das matemáticas, mas não geometricamente; ou ainda, não conforme a ordem específica dos Geômetras, segundo os *Elementos* de Euclides. Já Spinoza vai utilizar o método e a ordem demonstrativa das matemáticas, à maneira dos Geômetras; ou seja, vai demonstrar e expor, ou redigir, em ordem sintética, conforme os *Elementos* de Euclides.

Devemos considerar uma possível exceção nos escritos cartesianos: trata-se da *Disposição Geométrica*, contidas nas *Segundas Respostas*, na qual Descartes vai expor ou redigir, “procurando imitar a síntese dos Geômetras” (AT-IX-1, p. 123), o que anteriormente demonstrou em ordem analítica, cujo subtítulo é *More Geometrico Dispositæ*; ou seja, Descartes reconhece com o termo *Dispositæ* que, a pedido de seu correspondente, está apenas expondo ou redigindo em ordem sintética.

Mas, de acordo com Meyer, parece que Descartes não foi inteiramente feliz em sua imitação, pois a *Disposição Geométrica* precisou ser alterada por

Spinoza em sua transposição para os *PPC*. De fato, Meyer, ao descrever as alterações efetuadas por Spinoza, no sétimo parágrafo do Prefácio, escreve que Spinoza pôs em primeiro lugar as definições de Descartes e inseriu as proposições deste às suas; e só não incluiu após as definições os axiomas (estão colocados após a quarta proposição), além de omitir alguns que não eram necessários, porque assim seria melhor demonstrado (G-I, p. 130). Esta alteração da ordem Geométrica euclidiana, que exige as proposições e suas demonstrações subordinadas às definições, postulados e axiomas previamente expostos, pode ser justificada pelo fato de que os *PPC* são o produto da adaptação de uma tentativa não muito bem sucedida, de textos cartesianos originalmente redigidos em ordem analítica. Acrescentemos a isto os diferentes subtítulos redigidos por Spinoza para a *Ética* e para os *PPC*: *Ordine Geometrico demonstrata*, para a primeira, e *More Geometrico demonstratæ*, para os segundos.

Donde, por um lado, só poderemos aceitar como válida a afirmativa de que Descartes demonstrou e redigiu *Ordine Geometrico demonstrata*, nos moldes de Euclides, se negarmos que os Geômetras possuam uma ordem específica, a sintética; ou, se utilizarmos o termo *Geometrico* de forma que abranja toda e qualquer demonstração e exposição ou redação matemáticas; isto é, a análise e a síntese. Ora, está claramente demonstrado, e inclusive o próprio Descartes reconhece que os Geômetras possuem uma ordem específica; logo, a primeira hipótese não é possível. Quanto ao uso abrangente do termo *Geometrico*, especificamente

aplicado a Descartes, foi interdito por Meyer pelas razões que expomos acima.

Por outro lado, só poderemos afirmar que Spinoza demonstrou e expôs ou redigiu *More Geometrico demonstrata*, se considerarmos o termo *Geometrico* como equivalente a Euclidiano. Porém, neste caso, teríamos que aceitar que o método utilizado por Descartes e por Spinoza não têm distinções. Tal afirmação também não é aceitável, pois como vimos, o método de Descartes não possui a especificidade que possui o método de Spinoza e de Euclides: a ordem sintética; ou seja, o método em Spinoza não é apenas geométrico, ele é geométrico-euclidiano. Portanto, podemos afirmar que Descartes demonstra e expõe ou redige, *More Geometrico*, mas não *Ordine Geometrico*. Enquanto Spinoza demonstra e expõe ou redige, *Ordine Geometrico*.

Quanto à consideração do uso indistinto do termo *Geometrico* e euclidiano, parece ser a hipótese de Jonathan Bennett, postulada em seu estudo sobre a *Ética*, no qual considera como equivalentes as expressões “à maneira geométrica” [*More Geometrico*] e “ordem geométrica” [*Ordine Geometrico*]. Equivalência esta fundamentada numa possível confusão por parte de Spinoza no uso dos termos. No dizer de Bennett: “Ele [Spinoza] pode ter estado algo confuso acerca da noção de fazer coisas à maneira geométrica.” (1990, p. 23-24). Todavia, além das distinções dos subtítulos já consideradas, uma análise da incidência em outros textos de Spinoza, bem como em suas Epístolas, dos termos *More Geometrico* e *Ordine*

Geometrico, parece-nos relevante para demonstrar que a hipótese de Bennett não procede.

Quanto aos termos *More Geometrico*, com apenas duas possíveis exceções, eles estão vinculados à obra *PPC*, que tem por tema a *Metafísica* de Descartes. Esta vinculação ocorre de duas maneiras: ou no interior da obra propriamente dita, como por exemplo, no título geral (G-I, p. 126) e nos títulos das partes I, II e III (G-III, p. 253); ou quando o *PPC* está sendo citado, como por exemplo, nas Epístolas 13, 14 e 19 (G-IV, p. 63, 70 e 94) e nas anotações do *TTP* para o capítulo VI (G-I, p. 130). Quanto à primeira possível exceção, ela se encontra na Epístola 2 (G-IV, p. 7-9), imediatamente antes da nota 56, que foi acrescentada posteriormente pelos editores das *Obras Póstumas*. Como sabemos que os responsáveis pela edição das *OP* editaram as obras de Spinoza, e em particular as Epístolas, podemos considerar a hipótese de que tenha havido uma alteração por parte dos editores. De qualquer forma, mesmo no caso dessa incidência se constituir em uma exceção, isto não nos parece suficiente para validar a hipótese de Bennett. Já a segunda possível exceção, encontra-se no prefácio do Livro III da *Ética* (G-II, p. 137-138). Mas, esta não parece constituir de fato uma exceção, pois, como veremos a seguir em nossa exposição da interpretação de Couchoud e de Deleuze, ela encontra-se num prefácio, que possui um caráter *não geométrico*, ou melhor, *não conceitual*. Restringimo-nos aqui a apenas assinalar esta possível exceção, voltando posteriormente a ela.

Quanto à incidência dos termos *Ordine Geometrico*, são encontrados de forma inequívoca

vinculados ao método utilizado por Spinoza; como por exemplo, no já citado subtítulo da *Ética* (G-II, p. 43) ou no escólio da proposição XVIII do Livro IV da *Ética* (G-II, p. 222-223), no qual Spinoza reconhece explicitamente a adoção da ordem (*Ordine*) geométrica; ou ainda, na Epístola 58 (G-IV, p. 268), na qual Spinoza faz referência aos *Pensamentos Metafísicos* (CM), apêndice do PPC, no qual Spinoza expõe com maior frequência do que nas partes anteriores do PPC, o seu próprio pensamento.

Hubbeling, explicando o método de Spinoza, escreve que este, ao considerar os temas da *Ética* segundo a ordem da geometria, começa com as definições e axiomas, e, destes, infere suas teses; ou seja, ele descreve a ordem geométrica utilizada por Spinoza da mesma maneira que Meyer a descreve no Prefácio dos PPC. Para Hubbeling, Spinoza está utilizando o que chamamos hoje de “método axiomático”. Mas, por reconhecer que Spinoza não faz a abstração dos enunciados, como ocorre no método axiomático-formal, “tal como encontramos, por exemplo, nos *Principia Mathematica* de Russell e Whitehead, donde se abstraem do conteúdo os enunciados”, Hubbeling denomina o método utilizado por Spinoza de “axiomático informal”. (Hubbeling, 1981, p. 34-35).

Couchoud, numa análise mais apurada, afirma que “nem tudo está invadido pela forma geométrica”: há uma “parte não geométrica” (1902, p. 164) e uma parte “puramente geométrica” (*Id.*). A primeira parte, compreendendo quase a metade da obra, “uma centena de páginas sobre duzentas e trinta” (*Ibid.*, p. 159), é

composta pelos “prefácios, os apêndices e sobretudo por longos escólios” (*Id.*); e a segunda parte, compreende as proposições e as demonstrações.

Ao reconhecer na *Ética* dois livros distintos, ou duas maneiras diferentes de expor, Couchoud parece estar antecipando o que vai afirmar Deleuze algumas décadas depois: a *Ética* não é um livro “homogêneo, retilíneo, contínuo, sereno, navegável, linguagem pura e sem estilo” (Deleuze, 1997, p. 156). Todavia, o ulterior desenvolvimento das duas formas de exposição reconhecidas, e em particular sua análise do método utilizado por Spinoza (e também por Descartes em sua *Disposição Geométrica*), na segunda parte, irá resultar numa conclusão totalmente diferente daquela que Deleuze vai chegar. Em sua análise da primeira parte, ou aquela que “está em estilo simplesmente filosófico” (*Ibid.*, p. 159), Couchoud surpreende-se com o fato de “algumas dessa ‘anotações’, ainda que dispersas, parecem se seguir entre elas” (*Id.*). E, em sua análise da segunda parte, ou “o grosso da obra, isto é, a parte puramente Geométrica” (*Ibid.*, p. 164), Couchoud vai afirmar que “Ela não é mais do que o desenvolvimento extremo do princípio de argumentação escolástica” (*Id.*). Explicando esta afirmativa, Couchoud escreve que “os escolásticos, por causa da teoria do silogismo, sujeitavam o desenvolvimento do raciocínio a um ritmo constantemente ternário”; mas, “podemos romper este ritmo e simplesmente justapor as proposições em seu encadeamento lógico” (*Ibid.*, p. 165). Acrescentando a seguir que “foi o que fez uma vez Descartes para resumir sua resposta nas *Segundas Objeções*” (*Id.*).

O elemento novo que nos traz Couchoud restringe-se ao reconhecimento das duas formas expositivas da *Ética* e ao encadeamento dos prefácios, apêndices e escólios. No que concerne à aproximação das demonstrações matemáticas de Spinoza com o método silogístico escolástico, seja estruturado ternariamente ou não, já demonstramos que não procede, ou ao menos, que esta não era a intenção explícita de Spinoza. Da mesma maneira não procede sua assimilação entre as demonstrações cartesianas da *Disposição Geométrica* e as demonstrações spinozistas da *Ética*.

Ainda que tenha reconhecido uma outra perspectiva em sua análise, notamos de forma clara que Couchoud vai enfatizar a perspectiva lógica da *Ética*; ou seja, a segunda parte, a parte Geométrica. Quanto à parte “filosófica”, como denomina, Couchoud limita-se apenas a assinalar sua surpresa em encontrar nela uma seqüência. Ora, este encadeamento vai encontrar a fundamentação de sua importância no Apêndice do livro I da *Ética* (G-II, p. 79-80), no qual Spinoza estabelecerá a relação entre a matemática, enquanto expressão do que é inteligível ao encadeamento das coisas na natureza. Este aspecto da *Ordine Geometrica* foi desconsiderado por Couchoud, que só o reconheceu parcialmente na formulação Geométrica. Em outras palavras: no citado Apêndice encontramos uma relação entre a *Ética*, considerada enquanto um conjunto composto de uma parte “filosófica” e uma parte “Geométrica” (para usarmos a terminologia de Couchoud), fundamentada na *Ordine*

Geométrica e não no estilo em que foram redigidos seus elementos, e o encadeamento das coisas na natureza. Este aspecto será plenamente desenvolvido por Deleuze, como veremos a seguir.

Para Deleuze, o método de Spinoza, considerado em seu conjunto, será axiomático. O conjunto será composto pelas partes, cada uma com sua forma de expressão; ou seja, a ordem será considerada também nos escólios, apêndices, etc., e não somente na parte formulada geometricamente. O que vai ser determinante é a ordem, geradora do encadeamento, que, relacionado com os seus elementos respectivos, irá determinar o encadeamento geral do conjunto. No dizer de Deleuze: “A *Ética* apresenta três elementos que constituem não só conteúdos, mas formas de expressão: os signos ou afetos; as noções ou conceitos; as essências ou perceptos. Correspondem aos três gêneros de conhecimento, que também são modos de existência e de expressão.” (1997, p. 156).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. OBRAS DE SPINOZA

Benedicti de Spinoza Opera quotquot reperta sunt. Recognoverunt J. van Vloten et J. P. N. Land. Editio Tertia. Hagae Comitum, apud M. Nijhoff, 1914, 2v.

Correspondencia. Introducción, traducción, notas y índice de Atilano Domínguez. Madri: Alianza, 1988.

Ethica/Ética. Edição bilíngue Latim-Português. Tradução e Notas de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

Éthique. Texte Latin, traduction Nouvelle avec notice et notes par Charles Appuhn. Paris: J. Vrin, 1983. 2 v. em 1. (Bibliothèque des Textes Philosophiques).

Ética (Prefácio e Livro I). B. de S. Opera Posthuma, Quorum series post Praefationem exhibetur. 1677 [Amsterdã: J. Rieuwertsz].

Ética. Tradução e notas da Parte I de Joaquim de Carvalho, tradução das Partes II e III de Joaquim Ferreira Gomes, tradução das Partes IV e V de Antônio Simões. São Paulo: Abril Cultural, 3. ed., 1983. (Coleção Os Pensadores).

Œuvres de Spinoza. Traduites et annotées par Charles Appuhn. Paris: Garnier, [ca. 1950]. Reimpression, Paris: Garnier-Flamarion, 1964-6, 4 v.

Œuvres de Spinoza. Traduites par Émile Saisset. Paris: Charpentier, Libraire-Éditeur, 1842, 2v.

Princípios de la Filosofía Cartesiana. Pensamientos Metafísicos. Introducción, traducción y notas de Atilano Domínguez. Madri: Alianza, 1988. (inclui TIE).

Renati Des Cartes Principiorum Philosophiæ (Pars I, & II). Cogitata Metaphysica. Amstelodami: Johannem Riewerts, 1663.

Spinoza Œuvres Complètes. Texte traduite, présenté et annoté par Roland Cailliois, Madeleine Francès et Robert Misrahi. Paris: Gallimard, 1954, 1 v. (Bibliothèque de la Pléiade).

Spinoza Opera. Im Auftrag der Heidelberg Akademie der Wissenschaften herausgegeben von Carl Gebhardt. Heidelberg: C. Winter, 1925; 2. Auflage 1972, 4v.

Spinoza Opera. Im Auftrag der Heidelberg Akademie der Wissenschaften herausgegeben von Carl Gebhardt. Heidelberg: C. Winter, 1925; Ristampa 1972. Milano: Ed. Elet. di Roberto Bombacigno e Monica Natali, 1998. 1 CD-Rom.

2. OBRAS DE DELEUZE

DELEUZE, Gilles. Carta a Réda Bensmaïa, sobre Espinosa. In: *Conversações* (1972-1990). Tradução de Peter Pál Pelbart. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, p. 203-205, 1992a. (Coleção Trans).

_____. *Conversações* (1972-1990). Tradução de Peter Pál Pelbart. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992b.

_____. *Cursos de Gilles Deleuze Sobre Spinoza.* Vincennes, 1978-1981. Seleção e introdução de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso e Hélio Rebello Cardoso Jr. Tradução de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso et al. Fortaleza: EdUECE, 2009.

_____. *Diferença e Repetição.* Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. *Espinosa e os Signos.* Tradução por Abílio Ferreira. Porto: Rés, 1970. (Coleção Substância).

_____. *Espinosa: Filosofia Prática*. Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. Revisão técnica de Eduardo D. B. de Menezes. São Paulo: Escuta, 2002.

_____. *Spinoza - Philosophie Pratique*. Paris: Éditions de Minuit, 1981.

_____. Spinoza e as Três Éticas. In: *Crítica e Clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, p. 156-170, 1997. (Coleção Trans).

_____. Spinoza et la Méthode Générale de M. Gueroult. *Revue de Métaphysique et de Morale*. Paris: Armand Colin, année 74, n. 4, p. 426-437, oct./dec. 1969.

_____. *Spinoza et le Problème de l'Expression*. Paris: Éditions de Minuit, 1985. (Arguments).

_____. *Spinoza y el Problema de la Expresión*. Traducido del Francés por Horst Vogel. Barcelona: Muchnik Editores, 1996.

DELEUZE, Gilles; CLAIRE Parnet. *Diálogos*. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. 1. ed. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. 5 v. (Coleção Trans).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?* Tradução de Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

3. OUTROS AUTORES

ABREU, Luís Machado de. *Uma Apologia de Spinoza – O Prefácio às Obras Póstumas*. Revista da Universidade de Aveiro/Letras. Aveiro: VIII-6, p. 293-329, 1985.

BENNETT, Jonathan. *Un Estudio de La Ética de Spinoza*. Tradução por José Antonio Robles García. 1. ed. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1990.

CAMARERO, Luis Rodriguez. *La Potencia del Entendimiento y de la Imagination en Spinoza*. Santiago de Compostela: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Santiago de Compostela, 1986.

COUCHOUD, Paul-Louis. *Benoit de Spinoza*. Paris: Félix Alcan Éditeur, 1902. (Les Grands Philosophies).

DESCARTES, René. *Œuvres*. Publiées par Charles Adam & Paul Tannery. Paris: C.N.R.S. et J. Vrin, v. I (1987), v. II, III (1988), v. IV (1989), v. V (1974), v. VI, VIII-1, IX-1 (1982), v. VII (1983), v. VIII-2 (1987), v. X, XI (1986), v. IX-2 (1978). 13 v.

GUEROULT, Martial. *Descartes selon l'Ordre des Raisons*. Paris: Aubier, v. 1 L'âme et Dieu e v. 2 L'âme et les Corps, 1991. (Philosophie).

_____. *Spinoza*. Paris: Aubier-Montaigne, 1997. v. 1 Dieu e v. 2 L'Âme. (Analyse et Raisons).

HUBBELING, H. G. *Spinoza*. Versión castellana de Raúl Gabás. Barcelona: Editorial Herder, 1981. (Biblioteca de Filosofia).